

Mário de Andrade e a Arte/Educação

Mário de Andrade and the Art/Education

Rejane Galvão Coutinho¹

¹ Doutora em Artes pela ECA/USP; professora assistente do Instituto de Artes da UNESP, São Paulo; rejane.coutinho@unesp.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9761-8135>.

Resumo |

O ensaio revela como um catálogo de uma exposição sobre uma coleção de desenhos infantis de Mário de Andrade se tornou um documento provocador de um processo de pesquisa no âmbito da História do Ensino de Artes. A partir do texto de apresentação do catálogo, de autoria de Ana Mae Barbosa, destacam-se alguns resultados da análise da Coleção Mário de Andrade, relacionando com os desenhos e processos de ensino e aprendizagem da época.

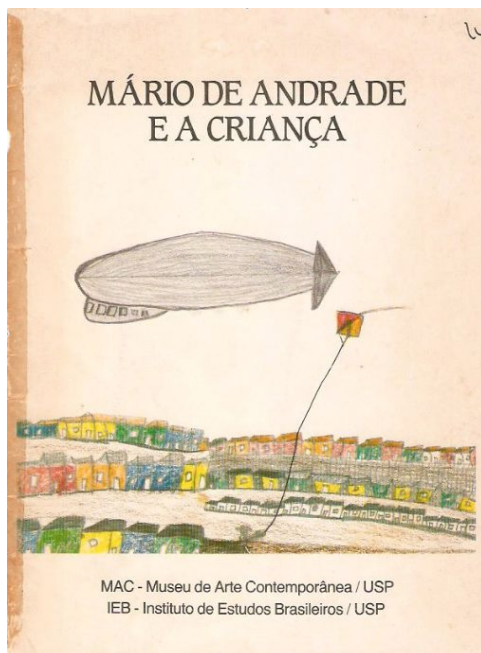
Palavras-chave: Mário de Andrade. Ana Mae Barbosa. Desenho infantil. História do Ensino de Artes.

Abstract |

The essay reveals how a catalog of an exhibition about a collection of children's drawings by Mário de Andrade became a document provoking a research process within the history of art/education. From the presentation text of Ana Mae Barbosa's authored catalog, we highlight some results of the analysis of the Mário de Andrade Collection, relating to the drawings and processes of teaching and learning of the time.

Keywords: Mário de Andrade. Ana Mae Barbosa. Children's drawings. History of Art/education.

Fig 1: Capa do catálogo Mário de Andrade e a criança.



FONTE: Arquivo pessoal da autora.

Na história, tudo começa com o gesto de pôr à parte, de reunir, de transformar em "documentos" certos objetos distribuídos de outro modo,
Michel de Certeau²

O título deste ensaio poderia ser outro, por exemplo: quando um pequeno catálogo deflagra uma pesquisa, já que é deste gesto de por à parte, de transformar em documento um pequeno catálogo produzido para uma exposição que trata o texto. A capa do catálogo reproduzida na imagem 1, traz o título da exposição – Mário de Andrade e a criança – exposição que foi realizada em 1988 numa ação conjunta entre o Museu de Arte Contemporânea (MAC) e Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo (USP), como bem podemos ler na imagem da capa. Mas o título do ensaio revela ainda

² Michel de Certeau, apud Le Goff (1990).

uma apropriação, pois é o título dado por Ana Mae Barbosa ao seu texto de apresentação que compõe o catálogo da exposição, um texto que me provocou imensamente. Assim, justifico essa ousada apropriação, visto que pretendo, justamente, comentar sobre a importância do catálogo e do texto como documento deflagrador de um largo processo de pesquisa.

Não tive oportunidade de ver a exposição em 1988, pois não morava em São Paulo na época; tive apenas acesso ao catálogo no ano seguinte, em 1989, quando participei do 3º Simpósio Internacional sobre o ensino da Arte e sua História, realizado também pelo MAC/USP. Em visita ao museu, tive acesso ao catálogo e confesso que, até aquele momento, não conhecia a atuação de Mário de Andrade no contexto da Arte/Educação, nem sabia da existência de sua coleção de desenhos infantis.

Como documento deflagrador, o catálogo merece uma breve apresentação descritiva: tenho me referido a ele como um pequeno catálogo, porque mede 20 x 15 cm; contém vinte e seis páginas não numeradas; o miolo é todo em preto e branco, colorido apenas na capa; inicia-se com uma folha de rosto, onde se repetem as mesmas informações da capa, acrescidas do patrocínio da Associação de amigos do MAC (AAMAC) e da Gráfica e Editora IBLA Ltda., junto com apoio cultural do *Jornal O Estado de São Paulo* e do *Painel Eletrônico*. Segue um texto de apresentação em três páginas, assinado por Ana Mae Barbosa, naquele momento como diretora do Museu de Arte Contemporânea, com título "Mário de Andrade e a Arte-Educação" (grafando o termo ainda com hífen e não com a barra, como usamos atualmente); na sequência, são reproduzidos dois textos de Mário de Andrade: "Pintura e assunto", publicado no *Jornal O Estado de São Paulo*, em 13.04.1941, que ocupa três páginas, e "As escapatórias do

amor", publicado no *Jornal Diário de São Paulo*, em 16.04.1941, que ocupa quatro páginas. Importante perceber que são textos que foram publicados em jornais distintos, porém em semanas consecutivas³. Entre um texto e outro, há uma reprodução de um desenho da coleção de desenhos infantis de Mário de Andrade. Segue um texto também em três páginas, de Telê Porto Ancona Lopez, docente e pesquisadora do IEB/USP, com título "Mário de Andrade e o artefazer da criança". Após o texto de Telê, tem a reprodução lado a lado de quatro desenhos: dois pertencentes à coleção de desenhos infantis de Mário de Andrade, e dois desenhos de crianças oriundos do Atelier de Arte-Educação do MAC/USP, que na época tinha orientação de Maria de Lourdes Gallo, conforme ficamos sabendo na última das oito páginas, que trazem as informações técnicas: primeiro estão as informações do MAC, depois do IEB; em seguida, uma lista das empresas e instituições que colaboraram com o MAC em 1988, para, finalmente, apresentar a ficha técnica da mostra em questão.

Fig 2: Reprodução das páginas 18 e 19 do catálogo "Mário de Andrade e a criança".

³ Uma análise desses dois artigos de jornais consta no texto *Mário de Andrade, a educação estética e a mediação cultural* (2017), de minha autoria.

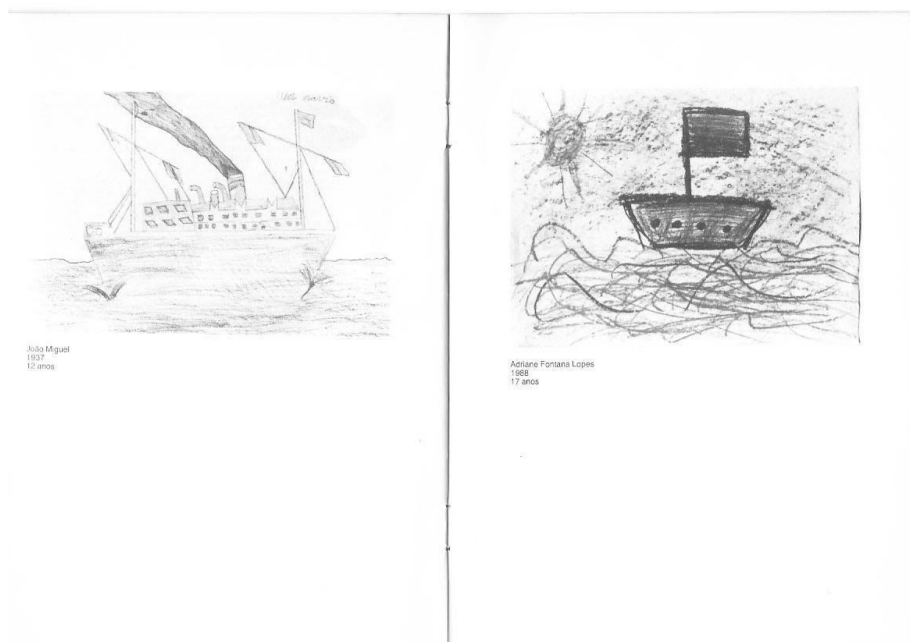
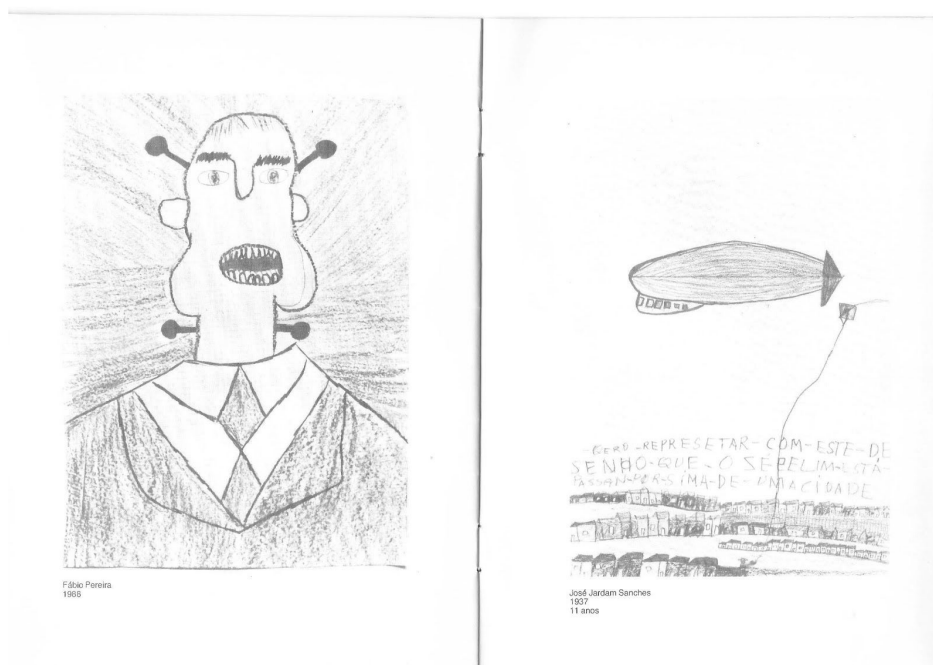


Fig 3: Reprodução das páginas 20 e 21 do catálogo "Mário de Andrade e a criança".



As figuras 2 e 3 reproduzem as duas páginas do catálogo, onde podemos ver como os desenhos foram dispostos. Percebemos que se procurou estabelecer um diálogo entre as imagens das crianças das

décadas de 1930 e 1980. A imagem da direita (Fig. 3), é a mesma imagem que está na capa do catálogo (reproduzido na figura 1), onde percebemos que houve uma edição na imagem, pois o texto escrito pela criança foi retirado da capa, como podemos observar melhor na figura 4.

Fig 4 - José Jardim Sanches (11 anos), Concurso, 1937.



FONTE: Desenho n.1807, Coleção de Desenhos Infantis, Acervo Mário de Andrade, IEB/USP.

Esse desenho é da coleção Mário de Andrade, e nessa reprodução podemos ler o texto que a criança de onze anos adicionou à guisa de explicação: “Quero representar com este desenho que o Zepelim está passando em cima de uma cidade”. Encontram-se, na coleção, alguns desenhos do Zepelim e os registros feitos pelas crianças dão conta da passagem do dirigível. Mas, o que chama nossa atenção, além da crônica da época, é a necessidade de explicação para o desenho, como se a imagem necessitasse da palavra. Uma imagem

produzida por uma criança em 1937, quando a maior parte dos adultos não estavam habituados a considerar as imagens produzidas por crianças, daí talvez a necessidade da explicação. Nessa época, Mário de Andrade, ao contrário, estava tão interessado em conhecer essas imagens que propiciou um concurso para ampliar uma coleção que vinha mantendo desde o início de 1920.

No texto de apresentação do catálogo, Ana Mae Barbosa (1998) provoca: “É verdade que um estudo sobre as concepções de Mário de Andrade sobre Arte-Educação ainda está para ser feito. Esperamos até, que esta exposição estimule [...]” e ela segue sugerindo o que deveria ser feito, “[...] pois vai tornar possível uma comparação entre as características da arte da criança que Mário de Andrade valorizava explicitamente em seus artigos e a qualidade das imagens que apreciava, guardando-as cuidadosamente”. (BARBOSA, 1988, s/p). Fui “mordida” por essa provocação! Entretanto, em 1989, apenas guardei o catálogo, porque, na ocasião, não sabia como poderia dar vazão àquele desejo. Passaram-se justos dez anos para que a “coceira” daquela provocação retomasse meus pensamentos e se formalizasse em um projeto de doutorado.

Entre 1998 e 2002, mergulhei no Acervo Mário de Andrade do IEB/USP para conhecer e estudar a coleção de desenhos e alguns documentos e anotações que fazem parte do conjunto catalogado. Tenho claro que, nos cinco anos que me dediquei a pesquisar esse contexto, consegui apenas traçar um rascunho de um mapa onde tentei situar os trânsitos de Mário de Andrade nos anos em que se interessou pelo universo do desenho da criança, procurando entender seus movimentos em torno de uma coleção que se formava, à medida que o colecionador se familiarizava com os desenhos e com os teóricos que se debruçaram sobre o tema. No processo de pesquisa, levei também um

bom tempo digitalizando toda a coleção e completando a catalogação dos desenhos que inicialmente tinham apenas uma identificação e o número de tombo.

Mário de Andrade colecionou desenhos de crianças e adolescentes entre 1920 e 1942, portanto, durante vinte anos de sua vida, ele esteve interessado nesse universo de imagens e nas questões que se discutiam entre os pesquisadores, educadores e especialistas no assunto. A coleção contém 2.253 peças, das quais 2.160 são desenhos e mais noventa e três documentos que se inserem entre estes. Os documentos são ofícios do Departamento de Cultura relativos a um concurso de desenhos; cartas e bilhetes de amigos, colegas e professoras encaminhando desenhos para a coleção; envelopes e pastas; programas de eventos do Departamento de Cultura e setenta e oito folhas contendo anotações de Mário de Andrade sobre os desenhos que denotam o estado de pesquisa em que se encontrava o material quando foi integrado ao acervo do IEB/USP.

O processo minucioso de catalogação permitiu conhecer mais a fundo a coleção e saber, por exemplo, da procedência dos desenhos. Foi possível identificar que 58% deles foram produzidos para um concurso que Mário de Andrade idealizou em 1937, quando esteve como diretor do Departamento de Cultura e pôde contar com as crianças que frequentavam os Parques Infantis da Lapa, Pedro II e Ipiranga e a Biblioteca Infantil, espaços implementados por sua gestão no Departamento. A coleção conta também com 37% de desenhos oriundos do ambiente escolar. Foi possível identificar grupos escolares na capital, em Piracicaba e Araraquara, no interior de São Paulo, e em Varginha, Minas Gerais. Há ainda um pequeno conjunto de desenhos de filhos de amigos de Mário e apenas em 3% dos desenhos não foi possível identificar a procedência.

Uma outra informação importante foi a identificação dos autores e autoras desses desenhos, quando descobrimos que, dos 2.160 desenhos, são conhecidos 1.317 autores e autoras e, curiosamente, apenas setenta desenhos não têm autores identificados, ou seja, muitas crianças produziram mais de um desenho, sobretudo as que estiveram envolvidas com o concurso. A coleção tem desenhos de crianças de 2 anos a jovens de 16 anos, tendo uma maior incidência entre crianças de sete a doze anos. O estudo revelou também que houve uma preocupação em relação ao contexto cultural de origem dessas crianças, pois, no grande grupo de desenhos do concurso consta a informação de nacionalidade das crianças e do pai e da mãe. Ficamos sabendo, então, que a maioria das crianças tem nacionalidade brasileira e que metade dos pais eram migrantes da Itália, Espanha, Síria, Portugal, Alemanha, Rússia, entre outros países, que aportaram por aqui, fugindo das crises e das guerras.

No entanto, os dados levantados por uma pesquisa histórica e exploratória como esta nos colocam diante de mais questionamentos do que propriamente de respostas. Inclusive, não foi possível realizar a sugestão proposta por Ana Mae de comparar o que Mário de Andrade valorizava sobre os desenhos em seus textos com a qualidade das imagens que apreciava. Essa sugestão foi perseguida durante boa parte do processo de pesquisa. Porém, à medida que tentava enfrentá-la, deparava-me com uma intrincada sobreposição de concepções sobre o que era entendido por desenho infantil na primeira metade do século XX no campo do ensino de artes, das práticas escolares e no campo das práticas artísticas e das pesquisas sobre o assunto. O que Mário de Andrade passava a entender sobre esse contexto, à medida que lia e observava os desenhos? E ainda, tudo isso se cruzava com o que eu, enquanto educadora e pesquisadora, entendia por desenho de criança

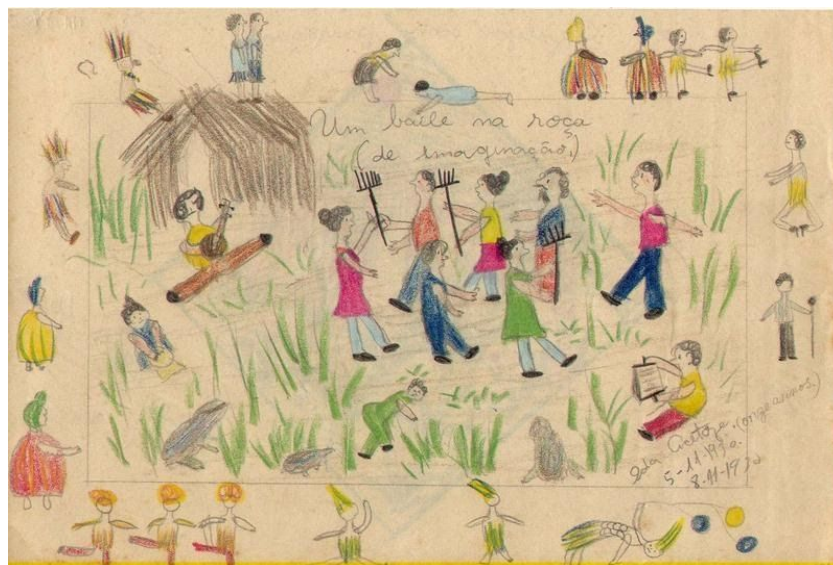
no final do século XX, quando iniciei a pesquisa. Onde apoiava as minhas concepções e meu olhar para examinar esse universo imagético?

Hoje percebo a complexidade do exercício da pesquisa histórica como um exercício de tessituras reflexivas sobre os conceitos em análise. Aliás, na mesma linha de raciocínio, Ana Mae já alertava em seu texto do catálogo para as diferentes concepções sobre “liberdade de expressão” que perpassam o meio educacional, inclusive a autora alerta para as mudanças de sentido que o próprio Mário atribuiu a esse termo ao longo de seus estudos sobre o tema.

Observei também os diferentes posicionamentos de Mário de Andrade em torno de sua coleção, pois, em um primeiro momento, da década de 1920 ao início da década de 1930, tudo indica que Mário queria conhecer a produção gráfica das crianças instigado pela leitura dos livros de Georges Rouma (1913) e George-Henri Luquet (1927, 1930), livros que se encontram ainda hoje em sua biblioteca no IEB. Esses autores teceram relações entre a ontogênese e a filogênese para entender o nascimento da arte, como propunha especialmente Luquet (1930), no seu livro sobre arte primitiva, tecendo relações entre os desenhos das crianças e os desenhos dos então situados como primitivos, buscando entender como os seres humanos desenvolveram essa capacidade de construir e conceber imagens para representar o mundo. Essas concepções eram tingidas também por uma visão romântica e idealizada da criança e de uma possível e desejada liberdade de expressão que foi também realçada pelo movimento modernista, que lançou um olhar para a produção dos loucos e dos ditos primitivos como uma arte portadora de renovações.

Mas para onde se dirigia o olhar de Mário de Andrade?

Fig 5: Ida Acetoze (11 anos), 1930, Um baile na roça (de imaginação).



FONTE: Desenho n.1902, Coleção de Desenhos Infantis, Acervo Mário de Andrade, IEB/USP

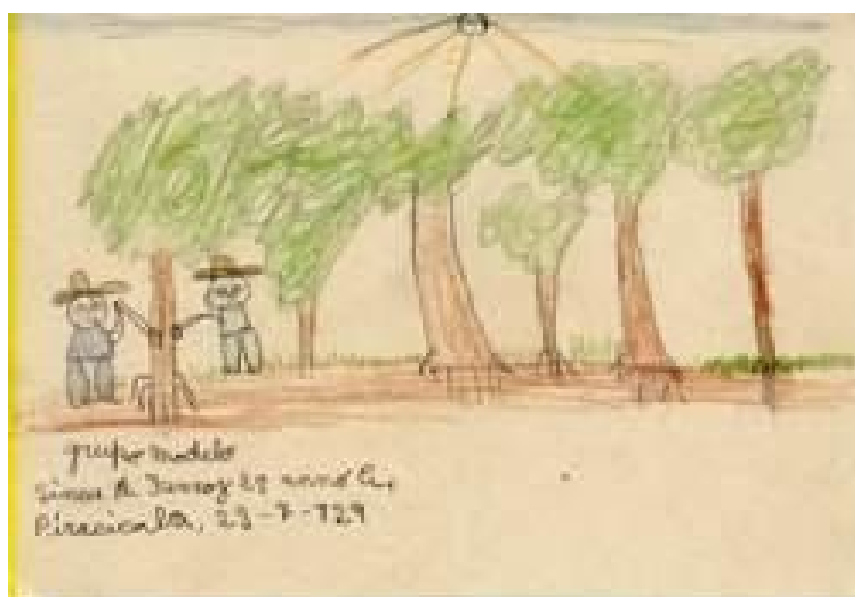


Fig 6: Lineu Ferraz, Grupo Escolar Modelo, Piracicaba, 23/07/1929.

FONTE: Desenho 1865, Coleção de Desenhos Infantis, Acervo Mário de Andrade, IEB/USP.

As imagens 5 e 6 reproduzem dois desenhos dessa primeira fase de constituição da coleção antes de Mário de Andrade propor o concurso. São desenhos do ambiente escolar que revelam o poder de narratividade das representações das crianças.

Fig 7: Desenho 1904, Sebastiana Sampaio, 11 anos, s/local, s/data.



FONTE: Desenho 1904, Coleção de Desenhos Infantis, Acervo Mário de Andrade, IEB/USP.

A imagem 7 traz também a reprodução de um desenho do ambiente escolar, entretanto, podemos perceber que nem tudo que Mário de Andrade estava observando era o que poderia ser lido como um desenho infantil, como os anteriores e como o imaginário ocidental estava buscando identificar e qualificar. Grande parte dos desenhos que Mário recebia eram produzidos no contexto escolar e, portanto, resultantes de processos de aprendizagem, como esse exercício de concepção de um padrão de papel de parede para sala de jantar, como está escrito na margem inferior, possivelmente pela própria Sebastiana Sampaio. A disciplina de Desenho, que fazia parte nessa época do currículo escolar, carregava uma concepção funcionalista de preparação para o mundo do trabalho. Conceber um padrão, ou módulo para confecção de um papel de parede é um exercício que pode

ser situado no campo do desenho de produtos, no âmbito do que hoje qualificamos como *design*.

Fig 8: Grair Verza (13 anos), s/local, s/data



FONTE: Desenho 1186, Coleção de Desenhos Infantis, Acervo Mário de Andrade, IEB/USP.

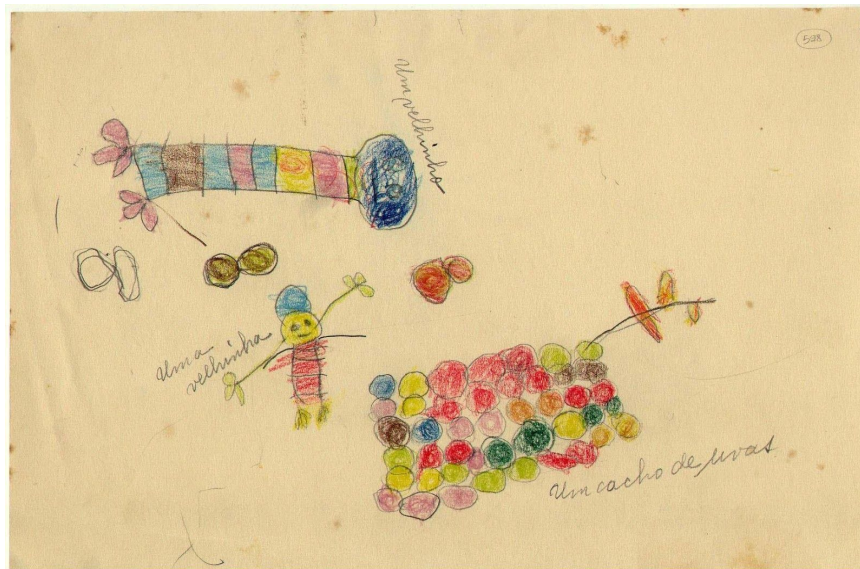
Já a figura 8, traz um clássico esquema de desenho de observação de uma natureza-morta, também produzida no ambiente escolar. A disciplina de Desenho reproduzia os valores estéticos e artísticos do neoclassicismo, que se imprimiu nas Academias de Belas Artes. O motivo e a técnica desse desenho são testemunhos de como a reprodução de uma metodologia carrega os valores estéticos que as engendram.

A necessidade de Mário de Andrade de instituir um concurso de desenhos com as crianças frequentadoras dos Parques Infantis e Biblioteca Infantil em 1937 pode ser entendida como uma necessidade de controle sobre o processo de produção dos desenhos. Essa interpretação se apoia em dois fatores: primeiro, na observação da diversidade de desenhos presentes na coleção até aquele momento, como podemos ver nos exemplos reproduzidos aqui; segundo, nas

indicações contidas no breve edital que o próprio Mário elaborou para o concurso, em que ele orientava que o tema dos desenhos era livre, que os desenhos deveriam ser feitos nos Parques na presença das instrutoras e ainda que os adultos não poderiam interferir nas produções das crianças.

Estamos diante de um breve protocolo de pesquisa e de um colecionador que se transforma em pesquisador para aprofundar suas observações. Essa mudança de atitude é corroborada em 1939, quando ele incluiu o tema e exemplos de desenhos de crianças de sua coleção no Curso de Filosofia e História da Arte, que ministrou na Universidade do Distrito Federal no Rio de Janeiro, fazendo referência a “[...] uma pesquisa extra-oficial do Departamento de Cultura”. No IEB encontram-se as anotações de todos os pontos desse curso, todas as aulas, e o primeiro ponto, “Das origens da Arte – Os primitivos”, desdobra-se em seis aulas, e, na quinta aula, temos o tema “A criança”, que inicia com a seguinte pergunta: “A criança é artista?”. Ao longo dessa aula, apoiado em Luquet, Mário vai tentando mostrar que não há intenção artística no que a criança faz; ele percebe que, para uma criança pré-escolar e não ensinada, o desenho é um jogo, uma brincadeira, como os jogos de faz de conta. Uma forma de apreender e representar o mundo, como podemos observar no desenho da imagem 9.

Fig 9: Luiza Barreto (4 anos), Concurso, 1937.



FONTE: Desenho 2044, Coleção de Desenhos Infantis, acervo Mário de Andrade, IEB/USP.

Ao elaborar o edital do concurso, Mário de Andrade foi cuidadoso ao cercar o contexto de produção dos desenhos que gostaria de observar, porém, ao estabelecer um concurso, colocou as crianças em situação de concorrência e, nessas situações, a criança, como qualquer pessoa, produz e se apoia naquilo que melhor sabe fazer, e o que aquelas crianças sabiam melhor desenhar era o que aprendiam na escola. Então, nos novos desenhos que passaram a integrar a coleção, Mário continuou observando os resultados dos processos de ensino de desenho da época, como por exemplo, a presença do traçado de molduras que delimitam o espaço dado a desenhar. Assim, como observa Ana Mae Barbosa (1988, s/p), no texto do catálogo, “[...] a liberdade de expressão de que falava Mário permitia e incorporava uma das imposições da cultura escolar da época, o traçado prévio das margens do papel ou a moldura, mas exigia a originalidade”. A moldura é um dos elementos visuais que se destacam nesse conjunto de desenhos, chamando a atenção pela variedade de formas e motivos. Entre os desenhos catalogados, 65% possuem molduras; desse grupo,

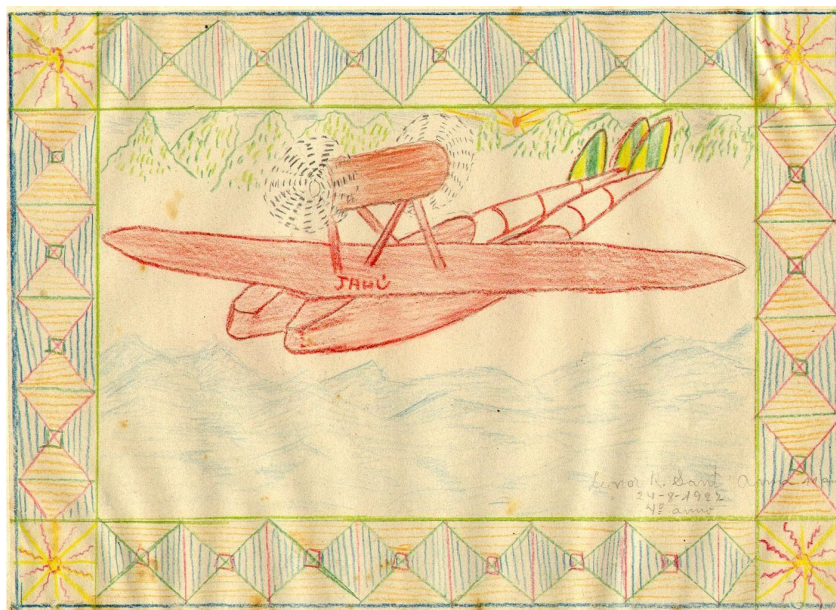
44% são molduras simples, apenas traçadas a lápis, como podemos ver na imagem 10. Mais da metade desse conjunto, os 56%, trazem molduras com algum tipo de adorno ou com formato distinto do convencional retângulo, como podemos ver nas figuras 10, 11 e 12.

Fig 10: Arnaldo dos Santos Abreu (15 anos), Biblioteca Infantil, Concurso, 1937.



FONTE: Desenho 2214, Coleção de Desenhos Infantis, acervo Mário de Andrade, IEB/USP.

Fig 11: Desenho 1011, Leonor R. Sant'Anna (11 anos), s/local, 1927.



FONTE: Desenho 1011, Coleção de Desenhos Infantis, acervo Mário de Andrade, IEB/USP

Fig 12: Therezinha Affonso de Camargo (12 anos), Biblioteca Infantil, concurso, 1937.



FONTE: Desenho 773, Coleção de Desenhos Infantis, acervo Mário de Andrade, IEB/USP

Em seu texto de apresentação do catálogo, Ana Mae Barbosa (1988) também reflete sobre o contexto de produção e processos de ensino e aprendizagem da época:

A criança podia ultrapassar a margem, algumas o fizeram trabalhando graficamente a própria margem mas ela precisava existir em qualquer trabalho feito na escola. De maneira isomórfica, Mário supunha a liberdade de expressão da criança como capacidade de invenção dentro dos padrões culturais da sociedade em que estava inserida, dentro da moldura de sua cultura (BARBOSA, 1988, sem paginação).

Fig 13: Maria Antonia, concurso, 1937.



FONTE: Desenho 65, Coleção de Desenhos Infantis, acervo Mário de Andrade, IEB/USP

A moldura cultural da década de 1930 determinou temas como a passagem do Zepelim ou novidades como hidro-aviões e carros de corrida, mas também foi preenchida pelos códigos estéticos aprendidos e reproduzidos, como os ramos de flores da figura 13, as naturezas-mortas, as paisagens. Entretanto, a decoração das próprias molduras se destaca na coleção pela variedade e inventividade de motivos e formatos. A moldura adornada tornou-se um elemento decorativo que podia ou não dialogar com a imagem central, inclusive, em alguns desenhos o trabalho dedicado à decoração da moldura foi maior, mais elaborado e em alguns casos mais originais do que o trabalho dedicado à imagem central.

Fig 14: Walter Rodrigues, s/local, 1927.



FONTE: Desenho 1013 Coleção de Desenhos Infantis, acervo Mário de Andrade, IEB/USP

Fig 15: Roberto Corrêa Stiel (8 anos), s/local, 1927.



FONTE: Desenho 1014, Coleção de Desenhos Infantis, acervo Mário de Andrade, IEB/USP

O decorativismo fez parte do contexto estético do início do século XX, presente em peças gráficas e publicitárias, rótulos, embalagens, livros, mobiliários, frisos de parede e outros produtos da cultura visual e material. O desenvolvimento industrial e processos de reprodução de imagens se expandia popularizando a estética *Art Nouveau*. Mas a presença desses elementos nos desenhos da coleção Mário de Andrade não se justifica apenas por um contágio visual. Quando comparamos os desenhos dessa coleção brasileira com outras coleções da mesma época, como, por exemplo, a coleção de desenhos de crianças espanholas que se encontram em arquivos em universidades norte americanas, observamos que as crianças espanholas também delimitavam o papel com o traçado da moldura, porém não exploravam as molduras como espaço decorativo. Esse impulso decorativo e ornamental foi provavelmente estimulado pelos programas de ensino de Desenho nas escolas brasileiras da época, muito influenciados pelas ideias do paraense Theodoro Braga (1872-1953), que propôs nacionalizar a estética *Art Nouveau* com motivos da flora e fauna brasileira. Ana Mae Barbosa nos apresentou ao programa de Theodoro Braga em um de seus primeiros livros de 1978 e, recentemente, retomou o personagem em um de seus últimos livros de 2015, dada a importância da contribuição dele para a história do ensino de artes no Brasil.

Fig 16: Antonio Maria Filho, s/local, 1928.



FONTE: Desenho 1949, Coleção de Desenhos Infantis, acervo Mário de Andrade, IEB/USP

Voltando ao pequeno catálogo que inspirou a pesquisa e este ensaio, a reprodução do desenho de Antonio (Fig. 16), bem poderia ser o desenho diante do qual Mário de Andrade estava quando pensou e escreveu que:

O desenho é uma imagem livre, é uma expressão intelectual, conta qualquer coisa ... A criança raramente “desenha”. Seu interesse maior é a composição em quadro. Ela pressupõe na maioria das vezes uma moldura ideal e enche o espaço limitado por esta moldura. Sua intuição é encher compondo com infinita variedade, dentro do assunto (ANDRADE apud BARBOSA, 1988, sem paginação).

Essa citação de Mário de Andrade, presente no texto de apresentação do catálogo da exposição, faz parte de um artigo escrito em 1930 sobre uma exposição de trabalhos dos alunos de Anita Malfatti, quando ela deu aulas para crianças na Escola Americana, o Mackenzie. Essa criança que raramente desenha era uma criança que tinha sua imaginação já determinada pela também moldura educacional de sua época, mas que ainda assim procurava transgredir,

elaborando diferentes padrões para cada lado da moldura, como na imagem 16.

Além de chamar atenção para os desenhos das crianças de sua época, ao colecionar e se interessar pelo assunto, Mário de Andrade olhava para esse contexto, segundo Ana Mae Barbosa, por um viés culturalista que se aproximava de pesquisadores do final do século XX.

A autora comenta:

Poderíamos dizer que esta noção de moldura de Mário de Andrade o torna precursor das teorias contemporâneas da arte-educação de Brent Wilson que vem desmentindo a ideia de que todas as crianças desenhavam da mesma maneira em todos os lugares do mundo.

Para Brent Wilson, não só o conteúdo mas a técnica na arte da criança mudam conforme a cultura que a cerca. Mário lembrava que “a criança chega, dentro das normas gerais da técnica, até a inventar sua técnica particular.” (BARBOSA, 1988, sem paginação)

O texto de apresentação do catálogo ressalta ainda a importância de se estudar a iniciativa dos Parques Infantis e da Biblioteca Infantil como políticas públicas em prol das crianças na primeira metade do século XX, inclusive levantando a hipótese de que Mário de Andrade conhecia as experiências das *Escuelas al aire libre*, do México de início do século XX.

Ao final do texto de apresentação, Ana Mae introduz os dois artigos selecionados para reprodução no catálogo, artigos que merecem leituras atenciosas, pois mostram o interesse de Mário de Andrade na difusão e recepção da arte quando relata e problematiza uma visita feita por jovens estudantes a duas exposições. Ou seja, Mário

de Andrade em 1940 estava preocupado com o tema da mediação cultural, que hoje é pauta da Arte/Educação contemporânea.

A intenção deste ensaio foi valorizar um pequeno catálogo com seus textos e imagens como peça deflagradora de uma pesquisa, assim como valorizar a própria iniciativa de Ana Mae Barbosa em publicizar os movimentos de Mário de Andrade no campo da Arte/Educação provocando questionamentos e indicando possíveis caminhos de investigação. Temos assim, um pequeno catálogo como um documento de “tirar o chapéu”!

Fig 17: Amaro Rozzembak, Grupo Escolar de Santo Amaro, 1928.



FONTE: Desenho 1951, Coleção de Desenhos Infantis, acervo Mário de Andrade, IEB/USP

Referências

ALBA. Children's Drawings of the Spanish Civil War. Abraham Lincoln Brigade Archives. Disponível em: <http://www.alba-valb.org/resources/lessons/they-still-draw-pictures-1/childrens-drawings-of-the-spanish-civil-war>. Acesso em: 15 de out. 2019.

ANDRADE, Mário. Pintura infantil. In: **Táxi e Crônicas no Diário Nacional**. Texto, introdução e notas: Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976, p. 277- 279.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil**: das origens ao modernismo. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. **Mário de Andrade e a Arte-Educação**: Mário de Andrade e a Criança. Catálogo da exposição. São Paulo: MAC/IEB-USP, 1988.

_____. **Redesenhando o desenho**: educadores, política e história. São Paulo: Cortez, 2015.

COUTINHO, Rejane Galvão. **A coleção de desenhos infantis do Acervo Mário de Andrade**. 2002. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/ECA-USP, São Paulo, 2002.

_____. Mário de Andrade, a educação estética e a mediação cultural. In: **Anais do 26º Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas**: Memórias e invenTAções. Campinas-SP: ANPAP, PUC - Campinas, 2017, p. 2397-2308.

_____. O Desenho na História: uma interpretação. In: **Anais do XXVII Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil**. Campo Grande/MS: Federação de Arte Educadores do Brasil, 2017, p. 190-202.

_____. Mário de Andrade como gestor cultural: ações arte/educativas voltadas para crianças na cidade de São Paulo. In: **Anais do XXVI CONFAEB**. Boa Vista, RR: Ed. UFRR, 2016. p. 228-244.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão [et al.], Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LUQUET, George-Henri. **Le dessin enfantin**. Paris: Felix Alcan, 1927.

_____. **L'Art primitif**. Paris: G. Doin, 1930.

ROUMA. Georges. **Le Langage graphique de l'enfant**. Paris: Misch & Thorn, 1913.

Data de submissão: 25/11/2019

Data de aceite: 23/12/2019

Data de publicação: 29/12/2019